

Article

Impressões de Hermann Bruno Otto Blumenau e Viajantes sobre o Clima no Sul do Brasil no Século XIX e Início do Século XX

Gilberto Friedenreich dos Santos¹, Martin Stabel Garrote²

¹ Doutor em Geografia. Docente na Pós-graduação em Desenvolvimento Regional na Universidade Regional de Blumenau. ORCID: 0000-0001-6021-8966. E-mail: frieden@furb.br

² Doutor em Desenvolvimento Regional. Docente na Pós-graduação em Desenvolvimento Regional na Universidade Regional de Blumenau. ORCID: 0000-0002-8034-3147. E-mail: martin_stabelgarrote@yahoo.com.br

RESUMO

A influência do clima na geografia e história tem sido crucial ao longo do tempo, moldando o desenvolvimento das sociedades. Este estudo busca analisar os relatos de figuras como Hermann Bruno Otto Blumenau, fundador da Colônia Blumenau, assim como de Robert Avé-lallemant, Johann Tschudi, Robert Gernhard, Wilhelm Lacmann, John Luccock e Willi Ule, sobre o clima e sua influência nos colonos europeus no sul do Brasil durante o século XIX e início do século XX. Utilizando fontes documentais e bibliográficas de caráter histórico-descritivo, a pesquisa aborda um período em que tais relatos enxergavam o clima brasileiro como favorável e salutar para a colonização, ainda que evidenciando os desafios do processo de aclimatamento e aclimação. Blumenau contesta veementemente a difamação do clima brasileiro na Europa, destacando suas vantagens em comparação a outras regiões do planeta. Sua abordagem inclui a comparação do clima regional brasileiro, particularmente do Sul, ressaltando sua adequação para a imigração alemã e o desenvolvimento agrícola. As percepções positivas sobre o clima brasileiro, expressas nos relatos dos viajantes e de Blumenau, representaram um papel significativo para estimular o fluxo migratório e impulsionar o desenvolvimento econômico da região.

Palavras-chave: desenvolvimento econômico regional; clima; imigração.

ABSTRACT

The influence of climate on geography and history has been crucial over time, shaping the development of societies. This study seeks to analyze the accounts of figures such as Hermann Bruno Otto Blumenau, founder of the Blumenau Colony, as well as Robert Avé-Lallemant, Johann Tschudi, Robert Gernhard, Wilhelm Lacmann, John Luccock, and Willi Ule, regarding the climate and its influence on European settlers in southern Brazil during the 19th and early 20th centuries. Drawing on documentary and bibliographic sources of a historical-descriptive nature, the research addresses a period in which such accounts portrayed the Brazilian climate as favorable and healthy for colonization, while also acknowledging the challenges of the processes of acclimatization and acclimation. Blumenau strongly refutes the defamation of the Brazilian climate in Europe, emphasizing its advantages in comparison with other regions of the world. His approach includes a comparison of the regional climate of Brazil, particularly that of the South, highlighting its suitability for German immigration and agricultural development. The positive perceptions of the Brazilian climate, expressed in the accounts of travelers and Blumenau, played a significant role in encouraging migratory flows and driving the region's economic development.

Keywords: regional economic development; climate; immigration.



Submissão: 20/10/2025



Aceite: 26/03/2026



Publicação: 18/06/2026



Introdução

A chegada dos colonos europeus ao sul do Brasil no século XIX marcou um período de transição e adaptação singular, não somente em termos de novas oportunidades econômicas, mas também em relação ao desafio de aclimatar-se a um ambiente geográfico até então desconhecido para muitos. O artigo propõe analisar as impressões documentadas de Hermann Bruno Otto Blumenau, com os relatos de viajantes contemporâneos, sobre o clima e sua influência nos colonos europeus na região sul do Brasil. Tratar da questão climática e a imigração europeia envolve a discussão dos processos de aclimatamento e de aclimação manifestado nos documentos históricos.

Hermann Bruno Otto Blumenau, figura de destaque nesse contexto, não apenas testemunhou, mas também contribuiu significativamente para a colonização da região. Seu olhar minucioso sobre o clima, as estações do ano e a adaptabilidade dos colonos europeus oferece uma perspectiva valiosa e detalhada do processo de aclimatamento e aclimação enfrentado por aqueles que se aventuraram nesse novo mundo. A análise dessas impressões é complementada pelos relatos de viajantes estrangeiros que percorreram a região na mesma época. Suas observações oferecem um panorama multifacetado e enriquecedor, trazendo diferentes perspectivas sobre o clima, as condições naturais e o impacto desses elementos no bem-estar e na adaptação dos colonos europeus.

Ao reunir e examinar meticulosamente esses relatos, este estudo visa não apenas proporcionar uma compreensão mais profunda do ambiente climático enfrentado pelos primeiros colonos europeus no sul do Brasil, mas também oferecer insights sobre os desafios e estratégias de adaptação adotadas por esses pioneiros em sua jornada a uma nova terra. Este artigo está estruturado para investigar, analisar e contextualizar as percepções de Blumenau e dos viajantes, visando contribuir para um entendimento mais abrangente e detalhado do processo de aclimatamento e de aclimação dos colonos europeus na região sul do Brasil durante o século XIX e início do século XX.

A relevância deste debate transcende o interesse puramente historiográfico e insere-se na agenda climática mundial contemporânea. Em um cenário de emergência climática, discutido em fóruns como a COP 30, a compreensão de como as sociedades pretéritas interpretaram e interagiram com as variações do clima oferece chaves de leituras para os eventos extremos atuais. Assim este artigo interroga: de que maneira o discurso sobre um clima favorável e salutar foi construído e instrumentalizado para viabilizar um projeto de colonização e desenvolvimento regional no Sul do Brasil?

O presente estudo adota uma abordagem histórica descritiva e qualitativa, fundamentada no paradigma das Humanidades Ambientais, visando investigar as percepções de Hermann Bruno Otto Blumenau e viajantes sobre o clima e aclimatamento e aclimação dos colonos europeus no sul do Brasil no século XIX. A pesquisa é baseada em fontes documentais e bibliográficas disponíveis em arquivos históricos, bibliotecas regionais e recursos online. O material investigado inclui registros presentes em diários, relatórios, publicações e estudos historiográficos relacionados ao clima e colonos europeus na região sul do Brasil.

O foco principal recai sobre os relatos de Hermann Bruno Otto Blumenau, devido à sua abordagem minuciosa e comparativa do clima brasileiro, culminando na fundação da Colônia Blumenau no Vale do Itajaí-açu em 1850, situada no Estado de Santa Catarina. Publicações e pesquisas prévias que tratam do clima e de elementos naturais descritos por Blumenau e viajantes na região Sul do Brasil e no Vale do Itajaí no século XIX foram consultadas, incluindo trabalhos de Santos (2011), Ferreira (2022 a, b 2000) e Silva (2022). No entanto, este estudo busca aprofundar a discussão a partir de uma análise mais detalhada dos relatos e descrições do clima, assim como sua influência nos imigrantes europeus na região.

É importante ressaltar que este estudo reconhece as limitações inerentes à seleção de fontes, priorizando determinados relatos e documentos. A exclusão de certas fontes, como as cartas de imigrantes e periódicos da



época, é devido às restrições de publicação e não reflete sua irrelevância para investigações futuras. No dossiê “Histórias ambientais do clima e as baixas temperaturas: perspectivas diante do antropoceno” organizado por Relly e Klanovicz (2022), os autores afirmam que as pesquisas no Brasil têm sido muito exitosas em muitas áreas da História Ambiental, entretanto o clima parece não atingir o mesmo volume de produção científica. A metodologia adotada neste estudo histórico descritivo e qualitativo busca proporcionar uma análise aprofundada das percepções sobre o clima dos colonos europeus na região sul do Brasil no século XIX, a partir de um enfoque direcionado às contribuições de Hermann Bruno Otto Blumenau e dos viajantes da época.

Atualmente, as mudanças climáticas estão entre as pautas mais preocupantes na academia e na sociedade mundial. O clima está associado às mudanças no uso do solo que reduzem os habitats. As mudanças estão afetando a biodiversidade e o equilíbrio dos ecossistemas. O desenvolvimento regional da economia brasileira depende muito do clima, e os desafios são significativos em virtude das alterações dos padrões climáticos. Eventos climáticos tornam-se mais intensos e frequentes, que impactam a infraestrutura, agricultura, e a saúde e o cotidiano da população. Os distintos biomas brasileiros estão “[...] enfrentando desafios distintos devido às alterações nos padrões climáticos (Artaxo, 2025, p. 3), inclusive a Mata Atlântica, que abrange a área de estudo, tem sido historicamente explorada e a cobertura nativa significativamente reduzida. Conforme o autor, uma das ações imediatas é eliminar o desmatamento das florestas tropicais.

Influência do Clima na História Brasileira: Imigração Europeia no Século XIX

O clima tem sido um elemento fundamental na discussão da história e historiografia dos povos em diferentes contextos espaciais e temporais pela sua influência em toda a trajetória humana (Barbato 2015). No Brasil, a influência do meio ambiente e a questão do aclimatamento e aclimação começaram a ser discutidas no final do século XIX, impulsionadas pelas políticas de imigração europeia. Neste contexto inserem-se a colonização e a adaptação dos imigrantes europeus no Sul do Brasil no século XIX registrados em documentos históricos. Esses imigrantes enfrentaram dificuldades com “Língua, clima e costumes, todos esses eram elementos de estranhamento e anunciavam a necessidade de aprendizados fundamentais e dolorosos” (Relly 2020, p. 2).

Em relação ao clima, tratava-se da adaptação às novas e diferenciadas condições ambientais encontradas pelos imigrantes europeus. Para evitar imprecisão terminológica apontada pela historiografia do clima, diferencia-se aqui aclimatamento de aclimação. O primeiro refere-se ao processo biológico e natural de adaptação do organismo a um novo meio ambiente. Já aclimação compreende o conjunto de estratégias culturais, procedimentos higiênicos e intervenções médicas adotadas deliberadamente para estabelecer o equilíbrio do colono ao seu novo meio (Rebello, 2007). No contexto estudado, a aclimação era vista como uma técnica necessária para superar a suposta hostilidade dos trópicos.

No século XIX, o aclimatamento foi objeto de estudo da geografia médica devido à relação com a higiene. Os viajantes que visitavam regiões distantes da Europa “[...] acreditavam na ideia de que o clima quente e úmido era extremamente prejudicial à saúde física e moral do homem europeu (Morais, 2013, p. 38). Os relatos médicos nas regiões visitadas forneciam informações relevantes “[...] à administração colonial europeia sobre o estado sanitário dos lugares visitados. Existia um compromisso com o aspecto utilitarista.” (Morais, 2013, p. 40).

Os estudos de climatologia, ramo de conhecimento da geografia, atribuem aos gregos os primeiros registros dos fenômenos atmosféricos. Hipócrates de Cos (século V a. C.) estabelece a influência do meio ambiente na sociedade humana que “[...] supõe que todos os seres humanos são iguais em sua essência, sendo as forças ambientais - os ares, as águas e os lugares - responsáveis pelas suas diferenças, recaindo a elas também as causas



para as enfermidades que assolam os homens”. A percepção negativa dos gregos do clima tropical propagou-se, e perdurou até o início do século XX (Barbato 2015, p. 70).

Na Europa as elites acreditavam na inferioridade dos nascidos em regiões quentes, pois “[...] o clima era responsável por numerosas doenças, além de gerar homens apáticos, preguiçosos e ignorantes.” Entretanto, no início da colonização da América os primeiros viajantes e colonizadores expressaram uma imagem positiva da natureza e do clima, a exemplo de Pero Vaz de Caminha, Américo Vespúcio e Cristóvão Colombo (este revela às vezes aspectos negativos do clima tropical) (Barbato 2015, p. 72) e Fernão Cardim. Tal impressão positiva gerava boas perspectivas para a aclimação dos europeus no Brasil (Sant’anna Neto 2001).

Sant’anna Neto (2001) analisa as impressões dos viajantes e cronistas sobre o clima durante o Brasil Colônia. Os primeiros viajantes apresentavam em comum “[...] a visão de um mundo desconhecido, de uma paisagem natural estranha e selvagem, repleta de simbologia, mitos e fábulas, que permearam as primeiras impressões e descrições, carregadas de representações que evidenciavam mais as visões do que os fatos.” (Sant’anna Neto 2001, p. 74).

Fernão Cardim (2013), jesuíta português, que percorre o território brasileiro no final do século XVI e início do século XVII, em dois momentos na obra “Tratados da terra e gente do Brasil” manifesta uma narrativa de clima favorável à presença humana e de terra farta, comparando-o com Portugal. Afirma que “O clima do Brasil geralmente é temperado de bons, delicados, e salutíferos ares, donde os homens vivem muito até noventa, cento e mais anos, e a terra é cheia de velhos; [...]”. No trecho citado, Cardim relaciona a qualidade do clima com a longevidade da população.

Em relação à temperatura ressalta que “[...] geralmente não tem frios, nem calmos, ainda que o Rio de Janeiro até São Vicente há frios, e calmas, mas não muito grandes; os céus são muitos puros e claros, principalmente de noite; a lua é mui prejudicial à saúde, e corrompe muito as coisas; [...]” (Cardim 2013, p. 3).

Este Brasil é já outro Portugal, e não falando no clima que é muito mais temperado, e sadio, sem calmas grandes, nem frios, e donde os homens vivem muito com poucas doenças, como de cólica, fígado, cabeça, peitos, sarna, nem outras enfermidades de Portugal; [...] (Cardim 2013, p. 53).

Nestas passagens Cardim enfatiza um clima temperado e saudável no território brasileiro. Sant’anna Neto (2001) também transcreve parte das impressões de Fernão Cardim sobre o clima do país, e traz à tona algumas observações importantes. No período do século XV ao XIX a Europa sentiu a influência da Pequena Idade do Gelo com invernos rigorosos que afetaram a população urbana e a produção agrícola. Cardim refere-se ao clima do Rio de Janeiro como temperado, que “na verdade significa mais a ausência de inverno, do que verões brandos.” Em relação a São Paulo, Cardim retrata o inverno como muito frio e ocorrência de geadas, e relata uma grande seca no Nordeste em 1583 (Sant’anna Neto 2001, p. 78). Invernos rigorosos afetaram a Europa durante os anos de 1685 a 1750, e em Paris no ano de 1709 a temperatura atingiu -22°C (Sant’anna Neto & Nery 2005).

A tese de Ricardo Araki sobre “A História do Clima de São Paulo” (2012) reconstrói a história climática do estado a partir da colonização europeia do território brasileiro até o início do século XX. Na consulta de diversas fontes históricas, constata que a influência da Pequena Idade do Gelo, sentida entre os séculos XIV e XIX principalmente no Hemisfério Norte, também afetou o território paulista, ou seja, o referido período tem sido mais frio.



A quantidade de eventos sobre frio, temperaturas baixas e geadas praticamente se equipara aos registros sobre chuvas, respondendo por mais de 50% do total, reforçando a tendência que o clima passado no estado de São Paulo foi menos quente que os dias atuais, o que poderia se configurar como manifestação da Pequena Idade de Gelo também sobre o Hemisfério Sul. [...] mesmo somando com as recorrências de tempestades, a reincidência de registros que mencionam o frio continua se destacando, sendo também mais que o dobro do número das informações registros sobre calor (Araki 2012, p. 105-106).

Sobre os primeiros viajantes no Brasil, Blumenau em relatório escrito no ano de 1855 os descreve como “navegadores de outrora” que, com algumas exceções, consideravam o clima da Província de Santa Catarina “excepcional”. E como comprovação “A aparência saudável e o bem-estar da população, principalmente dos habitantes do interior, [...]” (Blumenau 2002, p. 21). A “descoberta” e a colonização do Novo mundo representa o início de diferenciar homens e culturas (Rebelo 2007).

Alexander Von Humboldt, naturalista e viajante, contribuiu para mudar parcialmente a imagem negativa da natureza da América Tropical existente no meio acadêmico da Europa nos séculos XVIII e XIX, atribuindo-a um passado e desenvolvimento humano próprio (Barbato 2015). A partir da sua publicação “Viagem à América” redefine o Novo Mundo ao construir “uma nova percepção sobre a paisagem e os habitantes do Novo Mundo.” (Dias 2020, p. 324).

Na historiografia, o século XVIII é mais conhecido por ser um período que detrata a natureza da América. Há “[...] apenas uma tendência a ela principalmente na Europa, pois se observarmos, é farta a produção de imagens positivas sobre o meio-ambiente tropical no século XVIII” (Barbato 2015, p. 80). No século XVIII os povos selvagens passam a ser considerados primitivos “[...], porque estariam no começo do gênese humano.” (Rebelo 2007, p. 160), ou seja, “[...] timidamente, delinea-se uma visão etnocêntrica, que ganhará força no final do século XIX e será amplamente discutida pelo viés do racismo.” (Ferreira 2000, p. 74).

A partir do século XIX há uma revalorização da natureza do mundo tropical, mas na academia o clima continuava a ser abordado de forma ambivalente, especialmente, no que tange às raças (Barbato 2015).

[...] as concepções de inferioridade dos climas tropicais perdurou com força durante o início do século XIX, no entanto, a partir de seus meados, essas teorias baseadas em um determinismo climático ou geográfico começam a perder força, para serem postas de lado ou incorporadas por outro paradigma: o racial (Barbato 2015, p. 83).

O século XIX é marcado pela reformulação no meio acadêmico, entre os quais geógrafos e historiadores propagam “ideias da influência do meio ambiente sobre o homem, de maneira a satisfazer os imperativos de uma nova era imperial.” (Barbato 2015, p. 83). Neste século o clima é usado nos discursos como elemento condicionador para influenciar a migração dos europeus no “Novo Mundo”, e no desenvolvimento a partir de diferenças climáticas regionais do território brasileiro. Os relatos constituem uma fonte de informações históricas relevantes para os estudos da geografia e da história ambiental. Em sua grande maioria, os relatos:

[...] apresentam-se como diários de viagens e como registros de experiências pessoais, descrevendo as impressões de seu autor quanto à vivência que teve, sobre os lugares



que conheceu e, muitas vezes, de sua atuação profissional nessa vivência, evitando o aspecto ficcional ou romanceado de uma obra literária (Rocha 2005, p. 142).

Rocha (2005, p. 142) atenta sobre o olhar do viajante “[...] para as tendências e influências políticas, religiosas, militares ou pessoais que seus registros podem apresentar e procurar entender a conjuntura da época em que foram escritos.” Os registros dos viajantes representam a visão de uma cultura diferente e distante. Os relatos de viajantes devem ser interpretados sob um olhar crítico, que podem conter preconceitos e subjetividades. Nesse sentido, [...] “os viajantes estavam inseridos num meio intelectual e seu olhar é determinado por uma infinidade de referências e teorias, sobre as quais ele formula seu próprio discurso” (Rossato 2007, p.110). Os registros de viagem são de interesse para os estudos de historiadores que representam:

[...] expressão de indícios verossímeis e parciais das razões e dos sentimentos partilhados pelos viajantes e seus contemporâneos, traduzidos no formato de texto. Seu diálogo com os contornos da narrativa textual adentra nos meandros das relações de força mutáveis e descontínuas do universo entre história e ficção (Ferreira 2022b, p.157).

No começo do século XIX a exploração e conhecimento da colônia portuguesa se limitavam a viajantes e cientistas ligados à metrópole (Araki 2012). A partir de 1808, com a abertura dos portos decretada por D. João VI, o acesso ao Brasil, por cientistas e viajantes europeus, tornou-se muito mais fácil. O crescente interesse europeu pelo exotismo motivou que muitos optassem a América como destino. Os viajantes também se motivaram por questões políticas relacionados ao incentivo à imigração de europeus; ao potencial econômico dos recursos naturais; e do interesse científico pelo conhecimento da natureza e das populações existentes (Silva 2022).

Relly (2022, p. 127) enfatiza que “Os ambientes subtropicais criaram oportunidades [...] para a globalização econômica e científica e a consequente conexão dos povos, [...]” e “[...] para ajudar a globalizar a natureza, uma vez que o subtropical é frequentemente presumido como uma unidade global de paisagem. A instrumentalização do subtropical acabou não só colonizando sociedades, mas também atores não humanos e forças físicas.”

A imigração europeia no Brasil na segunda metade do século XIX motivou as discussões sobre a influência do meio ambiente e do aclimatação. A imigração europeia teve o propósito de povoar as terras consideradas inabitadas no sul do território brasileiro, e substituir a mão de obra negra, posterior ao término do tráfico negreiro (Rebelo 2007). E “O ideário da elite intelectual brasileira era o de ‘branqueamento progressivo’ da população, chegando inclusive a fazer prognósticos e previsões da quantidade de tempo que levaria para o negro desaparecer.” (Ferreira 2000, p. 77).

No século XIX, a Província de Santa Catarina representava para os imigrantes europeus a oportunidade de uma vida melhor. Para o governo imperial, o espaço geográfico do território catarinense precisava ser conquistado e colonizado para gerar um progresso civilizatório, e para o governo da província de Santa Catarina, impulsionar o desenvolvimento econômico (Carola 2000). Os registros dos viajantes e dos imigrantes em diferentes períodos do passado revelam as diferenças étnicas e naturais entre dois mundos, da relação dos europeus com os povos dos trópicos. Ambos constituem uma fonte extremamente importante para compreendermos a história do Brasil e a regional.



O pensamento climático de Herrmann Blumenau e o empreendimento colonial

Ao analisar as percepções de Herrmann Bruno Otto Blumenau, que foi fundador da Colônia Blumenau em 1850 no Vale do Rio Itajaí-açu, Sul do Brasil, deve-se considerar que seus escritos não são meramente observações científicas isentas. Como idealizador de um empreendimento capitalista de colonização, Blumenau operava uma narrativa utilitarista. Seu discurso sobre a salubridade climática de Santa Catarina servia como ferramenta de divulgação de uma imagem para atrair imigrantes e investidores. Assim, conhecer brevemente sua biografia, formação acadêmica e conhecimentos científicos contribuirá para compreender os interesses referentes à geografia, o clima e sua relação com a imigração no país no século XIX. Simultaneamente, serve de apoio a importância de entender que o fundador da colônia recorre frequentemente e extensivamente a determinadas características geográficas da região, caso do clima.

Formado em farmácia, química e filosofia, na década de 1840, os acontecimentos na vida de Blumenau influenciaram no seu futuro ao realizar viagens para a França e Londres, que “iriam abrir seus horizontes. O encontro com Alexander von Humboldt deve ter-lhe aberto a mente com respeito a América” (Fouquet 2019, p. 13). Em 1845 encontrou-se com o botânico Karl Friedrich Philipp von Martius cujo conhecimento “[...] abriu ainda mais o idealismo de Blumenau, ambos tendo em comum o pendor pelas Ciências Naturais, a verdadeira idolatria pela natureza e isso, em relação ao Brasil.” (Fouquet 2019, p. 14), e motivado pelo cônsul geral Johann Jacob Sturz (Ferreira 2022a). Blumenau embarcou para o Brasil em 1846, percorrendo o sul do país e Rio de Janeiro (Fouquet 2019).

A publicação de “Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política colonizadora no sul do Brasil” (1999) reúne dois livros: “Sul do Brasil em suas relações à emigração e colonização alemã” e “Guia de instruções aos imigrantes para a Província de Santa Catarina no Sul do Brasil”. Blumenau contextualiza o clima no seu primeiro livro publicado em 1850, ou seja, em torno de 4 anos de estadia no Brasil. De acordo com Ferreira (2022a, p. 24), narra “[...] práticas discursivas de um viajante, obtidas a partir de suas vivências temporárias com os habitantes do local, assinalando aspectos cotidianos, sociais e naturais, com o objetivo de implementar uma colônia alemã na região Sul do Brasil”.

Luccock (1942, p. 24), comerciante, no início do século XIX em “Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil” associa a beleza da natureza de Rio de Janeiro com o clima, ao afirmar que “[...] em que se encontram juntas pessoas de tôdas as côres e de todos os cantos do mundo; em de-redor dela encontra-se uma paisagem acabada com o mais seletto dos lapis da natureza e trajada com uma riqueza de vestes que somente mesmo um clima tropical pode produzir.” Considera de um modo geral o clima do Brasil saudável.

Aqueles dos nossos contrerrâneos que vão para o Brasil com bom aspecto, raramente deixam de o perder, dentro em breve; mas a mudança é mais na aparência que na realidade. Das vêzes que adoecem, seus padecimentos não são geralmente devidos ao clima ou ao fato de o país ser doentio. Quando chegam com saúde, são a princípio pouco afetados pelo calor, esforçam-se mais e necessitam de menos repouso que os nativos. Do segundo ou terceiro ano em diante já participam mais da lessidão geral, parecendo então precisar do repouso da tarde tanto quanto os que a êle se acostumaram desde que nasceram. Os efeitos mais importantes da mudança de clima parecem depender muito da constituição, dos hábitos anteriormente tidos e das maneiras de viver que depois se adotam. Com todos os seus cuidados, porém, muito delês caíram com achaques biliosos de que em sua terra teriam provavelmente escapado, com êles sofrendo muito mais do que os habitantes antigos (Luccock 1942, p. 35).



Recorre ao clima para explicar sobre certos fatos observados na sociedade, como na fisionomia da mulher branca ou dama brasileira que associa “A velhice precoce [...] em parte ao clima e em parte a uma constituição enfraquecida e deteriorada pela inatividade, mas, acima de tudo, pela idade precoce, vergonhosa e contra a natureza, com que se permite às mulheres que casem.” (Luccock 1942, p. 77). Na ilha de Santa Catarina cogita a diversidade e superioridade dos seus cultivos por “[...] ter sido logo colonizada como ao de desfrutar de excelente clima.” (Luccock 1942, p. 160). O autor usa o clima como elemento central para compreender a natureza, a sociedade e os corpos no território brasileiro, que segue uma visão determinista característico do século XIX. Suas críticas moralizantes baseiam-se nos padrões da Europa. A adaptação dos imigrantes europeus ao clima tropical é uma questão individual e de hábitos, e não da insalubridade.

Blumenau em 1850 (1999) sobre “O clima e a salubridade” do território brasileiro o considera como dos melhores. Compara as regiões climáticas brasileiras admitindo que nem todas são recomendáveis para o desenvolvimento das atividades da maioria dos imigrantes alemães. Para estes, ressalta as vantagens do clima da região sul para a saúde, e atribui vantagens de remuneração para desenvolverem atividades laborais na região norte.

[...] Pessoalmente, estou convencido de que o alemão que estiver estabelecido abaixo do Equador, numa região saudável, poderá trabalhar no campo e nos locais onde não existe muita elevação sobre o nível do mar. Nas regiões tropicais, torna-se imprescindível ao trabalhador do campo do norte da Europa a observação de algumas precauções, no entanto, por displicência ou ignorância, geralmente levado pela ganância, não as observa e freqüentemente surgem conseqüências devastadoras, que podem levar à miséria [...]. Somente aquele artífice que trabalha principalmente para produzir artigos de primeira necessidade e não artefatos de luxo, pode se estabelecer nas grandes cidades do Brasil, expondo-se raramente aos raios solares. [...]

[...] O artífice que dominar bem seu ofício e se estabelecer no norte do Brasil pode ser bem remunerado, mas como é uma região quente, deve ter mais cuidados com sua saúde e não pode trabalhar tanto quanto aquele que se estabelecer no sul, onde é mais frio. No entanto, no sul ele pode ganhar menos e precisar trabalhar mais, mas, em compensação, sofre um desgaste físico menor e não envelhece tão cedo. Por isso, é preferível optar pelo sul, mesmo que não seja tão bem pago quanto no norte, pois esta região é mais povoada e melhor desenvolvida (Blumenau 1999, p. 49).

Blumenau recomenda aos emigrantes que se dedicarem à agricultura evitar o Brasil tropical, e constata que nas cidades grandes as indumentárias não são adequadas ao clima. Diante das diferenças climáticas regionais, associa e generaliza o brasileiro com os povos tropicais e ressalta o seu caráter indolente que é mais perceptível nas proximidades da linha do equador.

O brasileiro, por ser uma mistura de raças, demonstra em seu caráter uma grande indolência, preguiça, sensualidade, sofre de impetuosa paixão e irascibilidade, característica dos povos de países tropicais, como também gosta de enganar no comércio, tanto quanto o norte-americano, possuindo muito talento para esta arte.



Quanto mais ao norte e mais quente, mais perceptíveis são estas características (Blumenau 1999, p. 53).

Ferreira (2002a, p. 30) também se refere à passagem do texto acima de Blumenau, que revela um pensamento racial disseminado no século XIX, a “[...] de um europeu imbuído das discussões que permeavam o ideário civilizacional no velho continente.” Em seguida, Blumenau exalta diversas virtudes do povo brasileiro, como hospitaleiro, simpático e educado. Compara com o norte-americano, que o considera altivo.

Mas o brasileiro também demonstra uma mente esperta e sensível, geralmente ágil na compreensão, tem muito talento, hospitalidade, simpatia e sociabilidade com relação aos estranhos, além de muita caridade, da qual certos imigrantes alemães, que não gostam de trabalhar, abusaram, o que considero uma vergonha. Lembro ainda hoje, com prazer, de alguns brasileiros atenciosos com os quais estive.

Em contrapartida, a repugnante e exagerada altivez do norte-americano pelo seu país e sua própria pessoa é algo que não existe no brasileiro pois, mesmo tendo orgulho de seu país, ele não é desagradável ao estrangeiro, todavia, nos Estados Unidos é praticamente impossível esquivar-se deste infortúnio. O estrangeiro inteligente, ativo e honesto é reconhecido e valorizado pelo brasileiro, que muitas vezes deposita-lhe mais confiança do que em seus próprios compatriotas, [...].

O comportamento dos brasileiros de ambos os sexos, freqüentemente até dos negros, demonstra uma educação e dignidade que contrasta de maneira vantajosa em relação à conduta vulgar de muitos de nossos colonos e artífices. E os modos nas classes altas freqüentemente resultam em elogios excessivos, transformando-se num cerimonial incômodo (Blumenau 1999, p. 53).

Atribui ao clima ameno e a fertilidade do solo favoráveis à criação de bovinos, mas é praticada de forma não racional. A flora brasileira é muito rica, e o sul do país produz produtos “os mais nobres e maravilhosos [...]” (Blumenau 1999, p. 63). Destaca o clima de Santa Catarina que com suas noites amenas proporcionam sensações agradáveis na maior parte do ano.

É fascinante um passeio ao luar por um rio límpido e calmo, numa noite amena de verão. Em Santa Catarina, ao contrário do que é reportado sobre a maioria dos países quentes, achei as noites na maior parte do ano, amenas e raramente frias ou úmidas. Esta experiência deixa uma impressão e sensação indelével, que compensa o incômodo das picadas de mosquitos, gritos de papagaios e coaxar de rãs (Blumenau 1999, p. 69).

Ao apontar as vantagens para a colonização alemã no sul do país, reconhece que fatores dificultam o processo como o preconceito e “O falatório sobre o clima” (Blumenau 1999, p. 89) considerado insalubre. O clima do sul é “de modo geral, o mais estável, ameno e saudável da Terra.” E critica a generalização atribuída ao clima brasileiro de um país de vasta extensão territorial, pois “aqueles que argumentam contra o Brasil, usam de artifícios e não falam sobre o clima do sul do país, mas apenas sobre o clima do imenso Império.” A



salubridade do clima, que é bom em todos os aspectos, compara-se a países que recebem migrantes alemães, e supera a de muitos estados norte-americanos. As epidemias são raras, e “A longevidade dos imigrantes não é menor do que em outros países e não são raras as pessoas com 70 anos ou mais.” (Blumenau 1999, p. 105), destacando novamente a possibilidade de vida prolongada no sul do país.

Blumenau apresenta mais detalhes e vantagens do clima do sul do Brasil ao compará-lo com outros países, como a prática agrícola e a sensação térmica. E “Se juntarmos e compararmos tudo, o estado de salubridade do sul do Brasil é melhor ou, no mínimo, igual ao dos estados privilegiados dos Estados da União Norte-americana e Austrália, e também não perde para o sul do Chile.” (Blumenau 1999, p. 107). Apresenta as vantagens do clima do sul para a agricultura comparando-a com outros países que integram a rota da imigração europeia.

Em função do clima ameno, constante e agradável, encontra-se uma terra produtiva e conseqüentemente a distribuição dos trabalhos agrícolas é mais uniforme. Se compararmos a beleza do céu, que proporciona um sentimento de bem-estar e aumenta o prazer de viver, talvez o sul do Brasil se aproxime do oeste do Texas. Porém, os estados mais ao norte do Texas têm um inverno triste e o céu cinzento, os do sul um verão insalubre e um calor calcinante, assim como na Austrália, talvez com um verão mais causticante ainda, por isso perdem para o clima do sul do Brasil. Até mesmo o sul do Chile não poderia apresentar outra vantagem, a não ser talvez um inverno mais frio e, para alguns indivíduos, mais agradável, pois eles acham isso melhor do que um clima constante (Blumenau 1999, p. 107).

Blumenau (1999, p. 107) apresenta outras vantagens geográficas no sul do Brasil, como a ausência de tempestades violentas, tufões, e de terremotos. Descreve o verão comparando-o com a Alemanha para melhor compreensão das condições climáticas, e novamente as vantagens em relação aos mesmos países. Para a referida estação afirma que as trovoadas são comuns e fortes e são formadas em poucas horas tornando o céu nublado por pouco tempo e “descarregam-se sem refrescar muito”. Neste momento há uma diminuição da temperatura, mas sem se tornar desagradável.

Os dias cinzentos e chuvosos, com céu totalmente nublado, são mais raros aqui do que na Alemanha e não ocorrem mais do que 25 dias, no máximo 30, distribuídos ao longo do ano, em Santa Catarina; no Rio Grande do Sul, talvez a metade destes dias a mais, ao contrário da América do Norte, onde tempestades e furacões são mais freqüentes e não muito raramente causam grandes devastações. No sul do Chile, nas proximidades dos vulcões andinos, freqüentemente existem terremotos, enquanto a Austrália parece estar poupada desse flagelo, mas em todos estes países há trovoadas violentas (Blumenau 1999, p. 107).

Blumenau também apresenta a vantagem do inverno no sul do Brasil ao compará-lo com os estados do norte dos Estados Unidos, que “[...] não interrompe o trabalho do artífice e nem do trabalhador no campo, que gasta menos com vestimentas e com outros fatores que oneram o custo de vida.” (Blumenau 1999, p. 113). Além do clima, Blumenau evidencia outros elementos vantajosos no sul do Brasil, e aponta questões desvantajosas. Blumenau descreve o clima das estações do sul do país num período de estadia de apenas 4 anos



no país, que implica numa certa generalização considerando a variabilidade espaço-temporal dos elementos climáticos.

Em “Notas de Fim”, Blumenau (1999, p. 139) reitera críticas à difamação da colonização no território brasileiro com base nas condições climáticas, e recomenda “àqueles que se julgam qualificados a doutrinar leitores que, antes de se manifestarem em público a respeito de assuntos sobre os quais entendem pouco, aprimorem e atualizem seus conhecimentos insuficientes de geografia e climatologia.” Difundir um clima inviável para a colonização europeia no Brasil dá-se por pessoas leigas e interessadas em direcionar o fluxo migratório para outros países.

Algumas pessoas bem intencionadas, embora completamente leigas, talvez compensem seu despreparo através da quantidade, enchendo páginas e páginas, sobretudo aqueles “*nobres sujeitos*” que têm interesse em manter o fluxo de emigrantes nos caminhos habituais e rejeitam tudo o que não se chama América do Norte, Califórnia ou Austrália. Eles fizeram de tudo para difamar a colonização no Brasil, argumentando que o clima é quente e inóspito, porém muitos deles carecem de conhecimentos geográficos sobre o próprio país, mesmo os pertencentes à assim chamada classe culta (Blumenau 1999, p. 139).

Para mostrar a viabilidade de ocupar o território brasileiro, Blumenau persiste em comparar o clima com outros territórios situados “na mesma latitude geográfica, [...]” considerando-o “[...] muito saudável, talvez o mais saudável do mundo.” Detalha e cita exemplos de doenças que afetaram diversas regiões, como no Golfo do México e o litoral sul dos Estados Unidos que “é assolado pela febre amarela; [...]”. No oriente a peste, e “no sul e sudeste da Ásia, a cólera.” Na África a febre palustre e marítima, e em “grande parte dos louvados Estados Unidos existe desinteria sangrenta, febre biliar e febre intermitente, que colhem vítimas a cada verão e outono.” Para os que pretendem emigrar com o “pulmão debilitado” para o norte da América “pagará seu tributo ao verão causticante e, no gélido inverno, será ceifado pela tuberculose.” (Blumenau 1999, p. 141).

Afirma que apesar da costa brasileira apresentar poucos casos de febres sua imagem é caluniada pelos interesses dos agentes de emigração. Rio de Janeiro, que mesmo pela sua localização não apresenta as doenças anteriormente citadas, as epidemias são incomuns. Neste sentido, Blumenau novamente resgata a imagem do território brasileiro apresentando vantagens para a emigração europeia através de comparações com outras regiões.

Nas 980 milhas geográficas da costa brasileira existem poucos lugares com febres endêmicas, intermitentes e malignas que possam ser causadas pela localização de pântanos, contudo o Brasil ainda é tão caluniado pelos agentes de emigração a favor da América do Norte. O Rio de Janeiro tem condições que favorecem doenças endêmicas, pois está sob o Trópico de Câncer e situa-se na mesma latitude de Havana, sendo que a oeste é delimitado por pântanos pestilentos e cercado de montanhas elevadas, que limitam a ventilação das casas e das praças públicas, sujas e fedorentas, principalmente durante o calor sufocante de verão porém, não se conhece nenhuma das doenças acima citadas anteriormente e raramente é assolado por epidemias.



Em 1834, a cólera que assolou o mundo poupou o Brasil, sendo que Havana, a baixa região ondulada do sul do Texas e quase todas as localidades do Golfo do México, a cada verão e outono têm epidemias que dizimam a população.

No Rio de Janeiro, durante o verão, pode-se consumir, sem o menor risco, abacaxi, melão e outras frutas refrescantes. Em contrapartida, nas Índias Ocidentais o consumo destas frutas nesta estação quase sempre causa febre amarela aos estrangeiros não climatizados (Blumenau 1999, p. 141).

Os estados brasileiros do nordeste e norte, mesmo mais quentes que as regiões brasileiras situadas ao sul, conforme Blumenau (1999, p. 141) são mais amenos e saudáveis em relação a determinadas regiões do planeta. Na Bahia “reina o clima mais ameno da Terra, o qual não é superado nem mesmo pela constância do clima de Lima e das Ilhas dos Mares do Sul.” Ainda no Nordeste, Pernambuco, e nos estados do norte de Maranhão e Pará, sendo que os dois últimos situados em “[...] lugares úmidos e baixos, possuem condições saudáveis sem comparação com outros lugares situados no litoral como Batavia, Madras, Pondichery, Chagres, Panamá, Guayaquil ou mesmo Singapura e Manila, [...]” As referidas regiões brasileiras apresentam temperatura média menor, e “a estação quente, mais amena e a fria, mais quente do que nos outros lugares que possuem a mesma latitude.”

Blumenau (1999, p. 141) associa as condições sanitárias do interior do país com a topografia, considerando-a de forma geral boa. A exceção é nas “regiões baixas e vales” pois o ar não circula livremente. E “Especialmente nos países tropicais, da mesma maneira que no restante do mundo, existem febres que causam vítimas, mas os lugares elevados são poupados deste flagelo.” Especifica as regiões elevadas para a colonização alemã que apresentam um clima mais saudável. Essa faixa estende do “planalto das regiões do sul do Brasil, partindo da Serra do Grão Mogol (Lat. 16-17^o S. Br.) na Província de Minas Gerais até a fronteira oeste da Província do Rio Grande do Sul [...]”. Inclui “toda a Província do Rio Grande do Sul e Santa Catarina [...]” como clima “adequado para os alemães, excetuando-se uma ou duas embocaduras de rios com mangues e alguns lugares de vales cerrados.” Menciona que “Até mesmo o clima da faixa litorânea do Rio de Janeiro e São Paulo perde sua inospitalidade assim que se chega nas encostas das montanhas, que estão entre 2 e 10 léguas do litoral, sendo que nesta região vivem muitas famílias alemãs cujo estado de saúde nada deixa a desejar”.

Como Humboldt, as narrativas de Blumenau citam as coordenadas geográficas coincidindo os procedimentos para descrever a natureza ao fornecer informações sobre o clima e altitude (Ferreira 2022a). Conforme a autora (2022a, p. 36), ao estabelecer comparações entre as regiões, “[...] Herrmann Blumenau articulava as distintas questões que interferiam na composição natural da área por ele analisada, conferindo aos leitores uma noção mais específica e precisa acerca do local descrito.”. E o contato com viajantes e cientistas, principalmente Humboldt, estimularam Blumenau a valorizar estudos a respeito da natureza.

Há preocupação de Blumenau (1999, p. 141) em evidenciar que nas regiões mais elevadas com um clima saudável também são propícias às atividades agrícolas, como arroz, cana de açúcar e café “em grande escala e isto pode causar apreensão às pessoas que leram sobre o cultivo destas plantas efetuado por escravos, somente em regiões mais quentes da terra.” Ao comparar com outras regiões do planeta, ressalta que “no sul do Brasil, cultivava-se o ‘arroz da montanha’ que pode ser plantado em qualquer terra seca e fértil da mesma maneira que nas regiões montanhosas e frias do sul da China, juntamente com o chá, que se constitui na sua cultura principal.” Há cultivos bem sucedidos e extensos de cana de açúcar durante 250 anos na Sicília (sul da França) que não possui um clima tropical. A cana também é cultivada nas Ilhas Canárias e sul do Rio Grande do Sul na “Lat. 31 a 32^o S., sujeita a geadas durante todo o inverno e às vezes um pouco de gelo”.



Exemplifica e compara a produção de café em outras regiões que pode ser realizada em condições climáticas mais frias. Para produzir um café saboroso não é necessário um clima quente. No país de origem do café, Abissínia, “é cultivado nos planaltos de clima ameno e não nas planícies tórridas. Na região de Mocca, o café é cultivado no planalto, onde, no inverno a temperatura baixa atinge o ponto de congelamento.” No Brasil “[...] em São Leopoldo, Lat. 29 a 30° S., cultiva-se o café em pequena escala, mas é necessário abrigar as plantas contra a geada.” (Blumenau 1999, p. 141).

Blumenau relata as suas experiências e impressões no território brasileiro após a sua permanência nos dois estados extremos do Sul e Rio de Janeiro. Apoiado em relatos de viajantes, reitera as condições geográficas propícias à colonização.

Se, porém, em todos os lugares as condições fossem tão favoráveis ao emigrante alemão quanto no sul do Brasil, devido ao clima e salubridade, nossas massas de emigrantes abandonariam a corrente para a louvada região norte-americana, inclusive o Texas, sendo que somente a Banda Oriental e o sul do Chile poderiam fazer-lhe concorrência (Blumenau 1999, p. 141).

Manifesta inconformismo a forma de retratar e divulgar o clima do Brasil que sugere a consulta de relatos de viajantes para sustentar as suas observações, imagem detratada por interesses de agentes de emigração.

Recomendo a estes e àqueles interessados em maiores informações, a leitura dos relatos de viajantes de tempos passados e atuais, como: Langsdorff, Eschwege, Spix, Martius, Sellow, Auguste de St. Hilaire, Arsène, Isabelle, Mawe e outros. Estes viajantes não imaginavam que 20 ou 30 anos depois do seu relato surgiria uma discussão relacionada à aptidão das terras para uma colonização em larga escala e, portanto, espero que se dê mais crédito a eles do que aos escritos mentirosos de certos agentes norte-americanos e ingleses, pagos a peso de ouro (Blumenau 1999, p. 143).

O início da passagem do texto acima, conforme Ferreira (2022a), revela a intenção de Blumenau em obter crédito às suas informações para as regiões visitadas. O conhecimento das obras dos referidos autores (viajantes e naturalistas) indicam uma meticulosa leitura, e ter estabelecido previamente contato com políticos e cientistas na Europa. Na Europa, Blumenau divulga relatórios impressos, pois “Hermann Blumenau e seu editor estavam interessados em publicar temáticas de ordem prática, com destaque às peculiaridades do clima tropical, considerado fonte de ‘efeitos benéficos para o organismo do imigrante alemão’.” O fundador da colônia apresenta outras vantagens “[...] que revelavam uma atenção especial para informações privilegiadas sobre a imagem do país quanto à recepção de imigrantes.” (Ferreira 2022a, p. 45).

Há fatores negativos causadas por determinadas atividades econômicas que tornam o ar com mau cheiro, como matadouros, mas que não provocam doenças (Província do Rio Grande do Sul). Blumenau (1999, p. 143) afirma que ““Entre as latitudes 34° – 28° S. Br. [...]”, faixa que corresponde o Rio Grande do Sul e o sul de Santa Catarina, o clima é desagradável no litoral e interior, pois “existem muitas lagoas e banhados com margens baixas [...]”. A condição climática “é semelhante a outros países situados na mesma latitude, particularmente os da América do Norte, porém no Brasil somente surgiram casos esporádicos, nunca epidêmicos, de febre intermitente pérfida.”



Blumenau associa a ideia de que as áreas de banhado com margens baixas são suscetíveis a febre, e no caso do Vale do Itajaí, que se situa próximo à latitude, os banhados estão em margens altas que facilita a canalização e escoamento da água e posterior uso agrícola do solo.

Em vários rios da Província de Santa Catarina, entre outros o Rio Itajaí, que conheço bem devido ao fato de que lá situa-se meu povoamento, as margens são altas e seguidas de extensos banhados, que podem ser drenados através de valetas, tornando a terra cultivável e muito fértil, pois situam-se 15 a 20 pés acima do nível do rio. Os banhados distam 200 passos das habitações das famílias alemãs (20 a 30), belgas (15 a 20) e famílias nativas. Empenho minha palavra de honra que durante minha permanência, tanto no verão quanto no inverno, não tomei conhecimento de um único caso sequer de febre, excetuando-se dois negros, vindos do Rio de Janeiro, que sofriam de febre pérfida (Blumenau 1999, p. 143).

Ao mencionar a Província de Santa Catarina, Blumenau (1999, p. 143) enfatiza novamente a salubridade do clima. Reconhece a existência de doenças no país, mas “às vezes, surgem epidemias, as quais comprovadamente vêm de fora.” Cita exemplos como a gripe ‘Polkafieber’ que afetou o Brasil em 1846-1847, raramente fatal, chegou com navios negreiros da costa da África. A varíola aparece esporadicamente e ataca principalmente os negros e mestiços. E “Os colonos alemães que vieram via Dunquerque em navios superlotados estavam desnutridos e trouxeram o tifo, porém esta doença não se alastrou.”

Um mal endêmico no Brasil é a elefantíase, rara no planalto do sul e o inchamento do escroto, que costuma ser mais freqüente, todavia geralmente desaparece com o uso de suspensórios e lavagens constantes, mas nos casos renitentes é necessária uma intervenção cirúrgica simples (puxar uma trança de cabelos, ou remoção do invólucro seboso (Blumenau 1999, p. 143).

Blumenau cita inúmeras doenças, e no Brasil, particularmente na região sul, males reumáticos e respiratórios estão relacionados com a significativa variação da temperatura em determinadas épocas do ano. Os desconfortos que os imigrantes sentem antes da aclimatização são:

[...] fraqueza, leves erupções da pele e pústula sudoral, que passam desde que seja feita uma dieta apropriada durante duas a três semanas, além do mais, atacam somente poucas pessoas, sendo imperceptíveis em algumas. Outros sentem dor de cabeça e cansaço durante algumas semanas, e o tratamento consiste em descansar e repousar. Abscessos nos tornozelos, que molestem imigrantes durante anos em todos os países quentes, conforme Vict. Bracht, (Texas – 1844 p. 18) no Texas, não poupam um imigrante sequer, mas no sul do Brasil foram observados por mim apenas alguns casos, que raramente aparecem, talvez devido ao hábito de lavar os pés com água morna à noite. O clima do Texas é muito semelhante ao da Província do Rio Grande do Sul, no entanto, a icterícia e diarréia sanguinolenta, aqui são quase desconhecidas, ao contrário de lá, onde são freqüentes (Blumenau 1999, p. 145).



Um fato favorável aos países de climas mais quentes pode-se trabalhar o ano inteiro e emprega-se a metade do tempo para conseguir o mesmo resultado, e nos países de climas mais frios o tempo de trabalho reduz de 6 a 7 meses. Outra vantagem do calor é “o crescimento das plantas durante o ano inteiro, sem prejudicar a saúde. Também não há necessidade de feno ou outra forragem de inverno; os celeiros são desnecessários e ao invés de uma, tem-se três colheitas: milho, feijão e batatas.” (Blumenau 1999, p. 149).

O Mal da Terra é “uma doença de aclimação.” Representa um “definhamento sem dor, redução da força muscular e, em casos graves, febre acompanhada de grande fraqueza.” Blumenau não atribui a doença ao “clima quente, pois às vezes os negros da costa africana também são vitimados, apesar de estarem acostumados a um clima mais quente.” Ao usar a expressão ‘parece’ para justificar a motivação da doença gera incerteza: “Parece ser motivada por depressão, excesso de trabalho e principalmente saudade, atacando pessoas fracas e de pouca energia, como algumas tribos africanas de acentuada índole melancólica.” Tratar da doença consiste em aplicar “[...] vomitórios, com efeito laxativo, como costuma ser feito no caso de febres leves, e o mal passará logo dispensando-se cuidados, eliminando assim os agentes causadores, pois caso não haja tratamento adequado, poderá surgir uma febre com conseqüências fatais.” É raro o caso de mortes, “apesar de que os primeiros colonos alemães no sul do Brasil terem precisado lutar contra todas as adversidades possíveis, sendo obrigados a alojar-se durante meio ano num mísero galpão” (Blumenau 1999, p. 145).

Os imigrantes não aclimatizados que atuarem por muito tempo no desmatamento podem ser afetados pela febre intermitente, “principalmente quando dorme no lugar onde trabalha, [...]” Para evitar a febre precisa “[...] procurar um lugar mais elevado e ventilado para seu repouso, ou procurar pousada junto a uma propriedade vizinha, pois as emanções da mata derrubada são prejudiciais.” A febre não retorna depois da queima da mata, “todavia a melhor prevenção para aquele que trabalha no mato seria levar uma vida adequada” (Blumenau 1999, p. 145).

Blumenau não atribui o mal da terra diretamente ao clima quente, ao contrário de Avé-llalemant. Um dos sintomas é a febre, entretanto o fundador da Colônia Blumenau afirma que o mal da terra é uma doença de aclimação, e no desmatamento se manifesta naqueles não aclimatados. Avé-llalemant, médico alemão, em 1858 (1953, p. 215) em sua viagem ao sul do Brasil relaciona a doença do “mal-da-terra, *chlorosis intertropical*” aos trópicos e seus efeitos na saúde dos colonos alemães.

É um “mal, não somente da terra, por causa de sua latitude quase tropical, mas do solo, por causa de sua evaporação.” O nome da doença é sugestivo, e o autor explica a causa e o desenvolvimento da doença que a associa aos processos de mudança da natureza e de uso do solo pelo colono.

Nas regiões quentes e úmidas - e a metade setentrional de Santa Catarina é quente e úmida - sendo o solo intacto, com a selva virgem de cultura fecundante, assaltado violentamente e constringido a dar vários produtos agrícolas, vinga-se a terra até então não profanada e exala miasmas que atacam e envenenam o sangue do homem, quando êste não procura defender-se com providências acertadas.

Esse envenenamento ou distúrbio de uma hematose sã atinge a todos, homens e crianças, mais do que as mulheres, precisamente por se exporem mais a êsses miasmas, ao passo que, fora da zona tropical, a clorose aparece com mais frequência entre as senhoras e senhoritas.

O rápido desnudamento de uma floresta pantanosa, que depois fica sob um sol quase vertical, plenamente exposta a Hiperión, deve ser causa principal da clorose. Então não tem fim o processo de decomposição vegetal e evaporação de dia e a precipitação



do orvalho impuro nas noites frias, tanto menos quando nessas depressões rodeadas de florestas e praticamente cercadas pelas serras próximas nenhum vento em massa, nenhuma corrente de ar de considerável extensão e profundidade carrega consigo as impurezas.

Nesse processo de infecção que o próprio colono provoca, êle auxilia a natureza que se vinga. Êle não pensa sempre que, quando pode edificar a sua casa alguns pés mais alto do que a depressão do terreno, demonstra precaução com a sua saúde; êle não vê nenhuma matéria morbosa, não lhe sente o cheiro nem o gôsto e conseqüentemente ela não existe. Além disso, não conserva o chão de sua pequena casa sêco e liso, mas deixa-o ficar como a natureza o formou, suja-o com tôda espécie de umidade e conserva-o em fermentação natural. Todo colono, ao edificar a sua casa na mata, que não possa fazer logo um soalho, deve antes de tudo arranjar um piso sadio, limpar o solo antes de construir a casa, aplaná-lo quanto possível, socá-lo e depois acender sôbre êle uma fogueira tão grande quanto possível por alguns dias, evitando, depois, que seja molhado.

O alimento preparado descuidosamente e apressadamente também é causa da clorose. Suspeito particularmente de que as aróideas acima mencionadas, sendo mal cozidas, impeçam uma boa hematose. Devem ser cozidas até que rachem e depois retiradas da água, de modo que sequem com o seu próprio calor. Muitos frutos podem ser também prejudiciais: laranjas azêdas, bananas, pêssegos, araçás e outras mirtáceas imperfeitamente maduras e, com certeza, a deficiência de alimentação de carne e gorduras animais, pois precisamente onde a criação de gado fica muito aquém da agricultura é que mais aparece a clorose (Avé-lallemant 1953, p. 215-216).

As recomendações de Blumenau e Avé-lallemant para evitar o mal da terra são semelhantes. Avé-lallemant (1953, p. 217) aponta outros fatores favoráveis à doença, como o costume de andar descalço, e ao anoitecer a lavação dos pés com água fria, e dormir no chão em esteira de palha de palmeira. Outros elementos afetam o colono que são “aparentemente insignificantes, e com elas sofrem as naturezas menos fortes e adoecem com o mal-da-terra.” Detalha na vida do colono o mal-da-terra, seus sintomas e os processos de cura e de aclimação. O médico representa a melhor forma de tratamento ao mal-da-terra, que é um mal passageiro.

Sentem-se indispostos, lerdos, cansados, com menos calor, embora transpirem facilmente, empalideçam, cheguem afinal a uma palidez mortal e sintam palpitações. Pode preceder ou suceder uma verdadeira febre intermitente. Se preceder é geralmente terçã; se aparece depois, então é diária e depois menos intermitente, antes remitente e sintomática. As cloroses européias são tão semelhantes a êsse mal-da-terra, que aqui interrompe a sintomatologia. Nada se fazendo, a neurose cardíaca que o acompanha transforma-se numa verdadeira atrofia com dilatação. Aparecem diarréias, edema nos pés e hidropisia e muitos colonos jovens já morreram do mal-da-terra. Sem embargo são freqüentes os casos em que sem nenhum tratamento nem cuidados higiênicos o mal desapareceu por si e os empalidecidos jovens e moças voltaram a ser colonos aptos e robustos. Verificou-se, nêles, um processo de aclimação.



A eliminação de circunstâncias causais fáceis de ver, mas difíceis de remover bem pode ser o processo principal da cura: outra residência, outro trabalho, outra alimentação. Como medicamento é recomendável o ferro, sem restrições. O óxido de ferro e a limalha de ferro fervidos em suco de laranja constituem um maravilhoso preparado, que se digere com muita facilidade [...].

[...] Havendo estradas bem conservadas, estabelecendo-se de uma vez para sempre o asseio, a ordem, a moralidade e a disciplina numa colônia, desaparece o mal-da-terra e a saúde permanece incólume (Avé-lallemant 1953, p. 217).

As descrições positivas da natureza e da população apresentadas por Blumenau das províncias do sul do Brasil aos emigrantes europeus revelam uma narrativa com “fins utilitários e pedagógicos”, proporcionada pela riqueza de recursos naturais como impulsionadores de possíveis novos empreendimentos na região. A “Sua meta era a estratégica defesa do Sul do Brasil como um destino imigratório capaz de assegurar a essência da alma germânica para a ‘Nova Alemanha’ no Brasil meridional.” (Ferreira 2022a, p. 34). Os relatos de Blumenau evidenciam claramente o clima como um elemento natural altamente favorável à imigração europeia. Segundo Ferreira (2022a, p. 38), Blumenau ao recorrer frequentemente à afirmação de um clima saudável e salubre da região meridional do Brasil tenta convencer os migrantes europeus ainda indecisos na escolha do seu destino que contribuía para “[...] ficcionalizar sua narrativa [...]”.

Para o empreendimento de Blumenau avançar economicamente e atrair imigrantes, os discursos do fundador da colônia precisavam desmistificar o clima quente e úmido propagada de forma negativa na Europa. Os discursos tornaram-se fundamentais para promover e consolidar o projeto de colonização alemã no Vale do Itajaí idealizada por uma estratégia política no contexto do século XIX. Blumenau enfatiza as qualidades salubres do clima e as vantagens naturais da região para minimizar as dificuldades a serem enfrentadas pelos colonos, como a adaptação e doenças. Não constituem de uma descrição neutra, mas de uma construção otimista do clima e das possibilidades do desenvolvimento econômico da região.

Na Província de Santa Catarina, o médico destaca as comunidades de imigração alemã e compara o Brasil com a Alemanha do século XIX, ou seja, “[...] o viajante carregava consigo o ideal de civilização que partia da Europa [...]” (Ferreira 2022b, p. 165). Na Colônia Dona Francisca, particularmente Joinville, o mal-da-terra não tem mais influência significativa no seu desenvolvimento. No começo da ocupação, a condição do solo plano “e a penetração da maré até ao Rio da Cachoeira deram causa a graves doenças. E já hoje Joinville é um lugar sadio e alegre, onde se calam inteiramente as medrosas teorias sanitárias diante da experiência e do magnífico crescimento das crianças e adolescentes.” (Avé-lallemant 1953, p. 217-218).

Tschudi (1988), formado em ciências naturais e medicina, em 1861 percorre as colônias de Santa Catarina. A sua obra “Reisen durch Süd-Amerika” é composta de 5 volumes. O terceiro volume editado em 1867 inclui o capítulo “As colônias na Província de Santa Catarina” (Piazza 1988). Compara o clima da Colônia Da Francisca ao considerá-la “[...] para os colonos europeus completamente favorável e mais temperado do que a da Província do Espírito Santo, o qual referente ao calor diurno é menos sensível do que em relação à temperatura noturna.” (Tschudi 1988, p. 28). O viajante afirma que as febres endêmicas eram comuns em Joinville, e desapareceram quase que completamente nos últimos anos. Provavelmente a febre endêmica representa um sintoma associado ao mal da terra descrito três anos antes por Avé-lallemant ao reconhecer que a doença também não afetava mais seriamente a região.

Cita três famílias imigrantes que relatam dificuldades com o clima local, mas tende atribuir a aparência física a questões alimentares.



Chamam-me atenção que três famílias, assim chamados patricios, da Suíça se queixaram que o clima na Colônia agradá-las-ia menos do que o clima áspero da Suíça onde eles no verão podiam vagar pelas florestas; no inverno, porém, tinham que passar em cabanas abandonadas com frio e fome. A maioria dela parecia pálida e doente, todavia, com toda certeza, muitíssimo menos devido às influências climáticas do que pela alimentação precária pois em seus inatos desejos de migração ela não se acostuma a um modo de vida sedentário e consegue seu sustento frugal através da tecelagem de cestas, e de pedir esmolas (Tschudi 1988, p. 28-29).

Na Colônia Blumenau o clima “[...] é saudável e condizente aos imigrantes alemães.” e “As geadas causam menos prejuízo do que na Colônia Da. Francisca, se bem que também aqui, Blumenau, já se fizeram sentir.”, mas aponta as enchentes responsáveis por muitos danos às colônias localizadas nas margens do rio (Tschudi 1988, p. 51). Menciona as enchentes nos anos de 1852, 1855 e 1863. Também compara o clima das duas colônias com a Alemanha, onde as colheitas sofrem mais danos no inverno causadas pelas geadas e granizo. O viajante percorre as colônias de Santa Isabel e de Vargem Grande, e descreve um clima excelente e “bastante propício” para os alemães (Tschudi 1988, p. 71). Em Desterro, especifica as condições que tornam o clima saudável.

O clima de Santa Catarina é maravilhoso e proverbial em todo Brasil. Efetivamente, não deveria haver nenhum segundo ponto que pudesse oferecer aos doentes do pulmão (tuberculose) uma estadia mais apropriada do que esta ilha de “extrema primavera”. Apenas alguns pontos costeiros e entre eles, justamente a capital, devido à situação pantanosa, são afligidos pela malária (Tschudi 1988, p. 81).

Tchudi descreve brevemente o clima das colônias de Santa Catarina, mas considera-as propícias aos imigrantes europeus. Da mesma forma que outros viajantes, Tschudi sistematizava os saberes das regiões visitadas e seu valor utilitário (Silva 2022). Conforme o autor (p. 82), “[...], as narrativas do viajante suíço pela província de Santa Catarina conectam-se com tendências mais amplas concernentes aos relatos das travessias pelo Brasil no século XIX, [...] resultantes das políticas de colonização e do incentivo à imigração europeia.”

Gernhard, em Joinville foi redator do jornal Reform, relata a sua experiência nas colônias de “Dona Francisca, Hansa e Blumenau” em 1900. Manifesta prosperidade à imigração alemã no território brasileiro, indicando a região meridional como destino em que “Na terra abençoada do sul do Brasil, à noite brilha o Cruzeiro do Sul, com o seu encantamento mágico, e de dia brilha o sol subtropical. Mas não faltam as sombras, não tenho intenções de encobri-las, elas aparecem onde devem aparecer, porém não turvam o aspecto global.” (Gernhard 1998, p. 48). O autor descreve a geografia das regiões do país com o intuito de esclarecer os imigrantes, de “fazer relatos simples, verídicos e precisos para familiarizar o povo alemão sobre regiões que no futuro possam lhe fornecer condições de viver, conservar seus usos e costumes, conseguir sua propriedade e com trabalho assíduo adquirir certa prosperidade.” Neste contexto “Não existe no país, além do sul do Brasil, um lugar que possa oferecer melhores condições geográficas do que os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Entre estes devemos dar atenção especial ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina.” (Gernhard 1998, p. 49-50).

Enfatiza em outras passagens os atributos da região meridional do país para a imigração europeia, pois “A região subtropical com seu clima saudável, sem montanhas subalpinas, oferece condições para a colonização.



Aos turistas abastados recomendo uma viagem de recreio para o Paraná, Santa Catarina ou Rio Grande do Sul. A viagem num vapor de linha é excitante, [...], as tempestades são raras [...].” (Gernhard 1998, p. 51). Como Blumenau, reconhece as diferenças topográficas e climáticas no Brasil, e na Alemanha não se preocupavam em diferenciar as regiões norte e sul. Sobre a diferença climática entre os extremos do território brasileiro, apresenta observações semelhantes ao de Blumenau ao apontar a influência no desenvolvimento humano.

No norte do Brasil o clima tropical provoca um cansaço físico e mental e o trabalho do escravo é uma necessidade, porque a constituição física do branco não suporta o trabalho pesado da agricultura.

No sul, sob um clima subtropical desenvolveu-se um gênero humano forte e há espaço para receber milhões de habitantes.

O governo central reconheceu estas diferenças e as aplicou nas concessões de terras aos colonizadores alemães.

A Alemanha deveria ter reconhecido e abolido os entraves da imigração para o sul do Brasil, sendo que uma proibição para o norte tem sua justificativa (Gernhard 1998, p. 52-53).

Gernhard menciona as dificuldades enfrentadas pelos colonos, como as doenças que “Nos primeiros tempos, apareceram casos de febre intermitente e problemas de aclimatação, que para uns desapareceram logo, enquanto outros sofreram durante longos anos” (Gernhard 1998, p. 55). No início do século XX, Lacmann (1997, p. 18) em “Cavalgadas e impressões no sul do Brasil” (1906) também trata das condições ambientais como um dos elementos que influencia na aparência humana, pois “Em toda a população brasileira, principalmente na região norte, apresenta-se uma degeneração física, provavelmente decorrente da influência do clima e da presença acentuada da tuberculose e da sífilis.” Associa o comportamento à grande diversidade de origem da população.

Lacmann manifesta “sua crença no determinismo geográfico, que também era premissa básica para boa parte dos intelectuais do século XIX.” (Ferreira 2000, p. 76), crença seguida por Gernhard. Ule (2008), especialista em ciências marítimas, visita O Vale do Itajaí em 1925. Relata as dificuldades enfrentadas pelo jovem colono, que “No início ele sofre a ação do clima quente e ao mesmo tempo é atormentado pela praga de mosquitos, bicho do pé, carrapatos, traças e ácaros. É preciso se aclimatizar, nem tanto ao clima, mas adquirir certo grau de insensibilidade contra as mencionadas pragas.” (Ule 2008, p. 27).

Considerações finais

Considerando os desdobramentos dos resultados e discussões apresentados, fica evidente que as contribuições de Blumenau foram significativas para a compreensão e promoção do clima do sul do Brasil como um ambiente favorável à colonização europeia, especialmente a alemã. Seu relato, embora baseado em observações e experiências pessoais, destacou com ênfase as vantagens climáticas, principalmente o Sul, ressaltando a salubridade, agradabilidade e as condições sanitárias propícias, embora com ressalvas para áreas de banhado com margens baixas. A comparação direta com países como Alemanha, América do Norte e Austrália reforçou a superioridade do clima sul-brasileiro para a agricultura, destacando cultivos como arroz, cana-de-açúcar e café. As impressões de Blumenau não apenas refletiam suas experiências, mas também seu interesse em fomentar a colonização alemã, impulsionado por contatos e conhecimentos adquiridos na Europa.



Entretanto, as limitações de sua pesquisa, sobretudo o viés descritivo e subjetivo do relatório de viagem, assim como o curto período de estadia no Brasil, sugere restrições na compreensão plena do clima sulista. Não obstante, seu trabalho ainda é relevante para compreender suas motivações e percepções sobre o clima local, bem como seu papel na atração de imigrantes alemães para a região. Ao longo de suas explanações, Blumenau não apenas destaca as vantagens do clima, mas também procura desmistificar as associações negativas com doenças e desconfortos atribuídos ao clima quente brasileiro, ressaltando a temporariedade de certos males e associando epidemias a fontes externas. Sua abordagem, embora tenha contribuído para estimular a imigração e o desenvolvimento econômico regional, revela também as dificuldades iniciais de aclimatação e adaptação dos migrantes europeus.

Os relatos de Blumenau e viajantes, mesmo com suas limitações, continua a ser um marco importante para compreender não apenas o clima do sul do Brasil, mas também as percepções e esforços de promoção da colonização alemã na região, moldando o cenário histórico e migratório do país.

Referências

- Araki R 2012. *A história do clima de São Paulo*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 208 pp.
- Artaxo P 2025. COP-30 e o agravamento da crise climática – caminhos para a construção de uma sociedade sustentável. *Estudos Avançados*, São Paulo, 39 (114), p. 1-10.
- Avé-lallemant R 1953. *Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858*. Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro.
- Barbato LFT 2015. O Clima tropical na história: relações de ambivalência. *Élisée* 4(1):68-90.
- Blumenau HBO 2002. *A Colônia Alemã Blumenau: na província de Santa Catarina no sul do Brasil*. Cultura em Movimento, Blumenau.
- Blumenau HBO 1999. Sul do Brasil em suas relações à emigração e colonização alemã. In C Ferreira, SMV Petry. *Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política colonizadora no sul do Brasil*. Cultura em Movimento: Instituto Blumenau 150 anos, Blumenau, p. 43-170.
- Cardim F 2013. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Fundação Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro.
- Carola C R 2010. Natureza admirada, natureza devastada: história e historiografia da colonização de Santa Catarina. *Varia historia* 26(44):547-572.
- Dias F R 2020. Entre o Exótico e o Autêntico: manifestações racialistas nas interpretações sobre a paisagem e os habitantes do novo mundo. *HALAC – Historia Ambiental, Latinoamericana y Caribeña* 10(3):319-341.
- Ferreira C 2022a. A personificação de uma colônia e as origens de um mito: Hermann Blumenau entre viagens e projetos para o sul do Brasil. In C Ferreira, A Furtado. *Travessias oitocentistas: relatos de viagem, temporalidades e imigração no Brasil*. Edifurb, Blumenau.



- _____ 2022b. Robert Avé-lallemant na Província de Santa Catarina: dilemas de um médico em defesa do nacionalismo alemão em terras brasileiras. In C Ferreira, A Furtado. *Travessias oitocentistas: relatos de viagem, temporalidades e imigração no Brasil*. Edifurb, Blumenau.
- _____ 2000. Identidade e cidadania na comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí. In C Ferreira, M Frotscher. *Visões do vale: perspectivas historiográficas recentes*. Editora Nova Letra, Blumenau.
- Fouquet K 2019. Dr. Hermann Blumenau. In G Schmidt-Gerlach. *Colônia Blumenau no sul do Brasil*. Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, São José.
- Gernhard R 1998. O município de Blumenau. *Blumenau em Cadernos XXXIX*(11/12):46-80.
- Lacmann W 1997. Cavalgadas e Impressões no sul do Brasil. *Blumenau em Cadernos XXXVIII*(11/12):09-55.
- Luccock J 1942. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Livraria Martins, São Paulo.
- Melo P P de 2011. A importância dos estudos climáticos para a história ambiental. *Cadernos de História* 8(8), n. p.
- Morais R H. de S. G. de 2013. Raça, clima e doença: a viagem de Alphonse Rendu para o Brasil (1844-1845). *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 6, n. 2, jul.-dez., p. 35-59.
- Piazza WF 1988. Johann Jakob von Tschudi – o homem. In *As colônias de Santa Catarina por Johann Jakob von Tschudi (1861)*. CNPq; Fundação “Casa Dr. Blumenau”, Blumenau.
- Rebelo F 2007. Raça, clima e imigração no pensamento social brasileiro na virada do século XIX para o XX. *Filosofia e História da Biologia* 2:159-177.
- Relly E, Klanovicz J 2022. Apresentação Histórias ambientais do clima e as baixas temperaturas: perspectivas diante do antropoceno. *Revista História Unisinos* 26(2):186-188.
- Relly E 2022. Imigração alemã, ciência imperial e a tradução/colonização de ecologias locais do clima subtropical na América do Sul. *Fronteiras - Revista Catarinense de História* 39:119-136.
- _____ 2020. A agricultura e floresta dos alemães no Brasil: mobilidade, conhecimentos e transfers no Urwald (século XIX). *Estudos Ibero-Americanos* 46(1):1-16.
- Rocha YT 2005. Fontes históricas e pesquisas geográficas: relatos de viajantes, iconografia e cartografia. *GEOUSP - Espaço e Tempo* 17:135-151.
- Sant'anna Neto JL, Nery JT 2005. Variabilidade e mudanças climáticas no Brasil e seus impactos regionais. In CR de G Souza, K Suguio, AM dos S Oliveira, PE de Oliveira. *Quaternário do Brasil*. Holos, Ribeirão Preto.
- Sant'anna Neto J L 2004. História da Climatologia no Brasil: gênese e paradigmas do clima como fenômeno geográfico. *Cadernos Geográficos* 7:124 p.
- Sant'anna Neto J L 2001. Alegres trópicos: primeiras impressões dos cronistas e viajantes sobre o tempo e o clima no Brasil colônia. *Caderno Prudentino de Geografia* 1(23):71-92.



Santos MPRT dos 2011. *O imigrante e a floresta*: transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do Vale do Itajaí-SC. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 218 pp.

Silva ER da 2022. A sensibilidade de Johann Jakob von Tschudi: território e paisagem social nas colônias Dona Francisca e Blumenau (décadas de 1850-1860). In C Ferreira, A Furtado. *Travessias oitocentistas*: relatos de viagem, temporalidades e imigração no Brasil. Edifurb, Blumenau.

Tschudi JJ von 1988. *As Colônias de Santa Catarina*. CNPq: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, Blumenau.

Ule W 2008. Alguns dias na Alemanha. *Blumenau em Cadernos* 49(1):7-36.